



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/06/2015 a 11/06/2015

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Fabiani Schemmer²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UFSM, especialista em controladoria e gestão empresarial pela UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/06/2015	9,37	304,90	34,78	5,17	3,60
08/06/2015	9,44	309,50	34,10	5,28	3,65
09/06/2015	9,51	316,50	33,93	5,32	3,65
10/06/2015	9,49	314,40	33,87	5,13	3,57
11/06/2015	9,40	313,40	33,29	5,04	3,56
Média	9,44	311,74	33,99	5,19	3,61

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	65,10	-0,42
RS - Santa Rosa	64,60	-0,42
RS - Ijuí	64,60	-0,42
PR - Cascavel	62,40	0,44
MT - Rondonópolis	57,85	-2,77
MS - Ponta Porá	57,35	-1,97
GO - Rio Verde (CIF)	59,90	0,67
BA - Barreiras (CIF)	59,55	-0,44
MILHO		
Argentina (FOB)**	167,20	2,58
Paraguai (FOB)**	111,50	1,36
Paraguai (CIF)**	132,50	0,00
RS - Erechim	25,30	0,70
SC - Chapecó	26,40	0,09
PR - Cascavel	22,20	-0,78
PR - Maringá	22,35	0,45
MT - Rondonópolis	16,35	-1,28
MS - Dourados	19,20	1,05
SP - Mogiana	22,50	0,00
SP - Campinas (CIF)	25,21	-1,14
GO - Goiânia	22,00	-3,30
MG - Uberlândia	23,25	1,64
TRIGO		
RS - Carazinho	600,00	0,00
RS - Santa Rosa	600,00	0,00
PR - Maringá	725,00	-3,01
PR - Cascavel	665,00	-6,34

*Período entre 05/06/2015 a 11/06/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 11/06/2015

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	22,60	59,66	29,68

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 11/06/2015

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	33,88
Feijão (saco 60 Kg)	129,44
Sorgo (saco 60 Kg)	18,75
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,15
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,83
Boi gordo (Kg vivo)*	5,00

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago se recuperaram um pouco mais durante esta segunda semana de junho, alcançando US\$ 9,51/bushel no dia 09/06, véspera do relatório de oferta e demanda do USDA. Após o relatório, o mercado voltou a recuar. O fechamento desta quinta-feira (11) ficou em US\$ 9,40/bushel para o primeiro mês e US\$ 9,08/bushel para novembro.

Dois fatores foram os principais motivos do movimento altista: a expectativa do relatório do USDA, diante da possibilidade de alguma revisão para baixo nas projeções de safra estadunidense; e o excesso de chuvas em algumas regiões produtoras dos EUA, atrasando o plantio.

Nesse último caso, o plantio até o dia 07/06 teria alcançado 79% da área, contra 81% na média histórica, ficando, pela primeira vez, atrasado em relação à média nesta temporada.

Quanto ao relatório, o mesmo trouxe apenas uma surpresa. A redução dos estoques finais nos EUA e no mundo para a soja em 2015/16. Agora, os referidos estoques estão respectivamente estimados em 12,93 milhões de toneladas (13,61 milhões em maio) e 93,22 milhões de toneladas (96,22 milhões em maio). Todavia, esse elemento não foi suficiente para impedir uma pressão baixista diante da enorme oferta mundial que está chegando ao mercado, já que a produção da América do Sul foi mais uma vez aumentada (para o Brasil, se espera uma colheita de 97 milhões de toneladas em 2015/16) enquanto a produção dos EUA foi mantida em 104,8 milhões de toneladas nesse ano. Assim, os preços médios aos produtores de soja estadunidenses ficou nos mesmos níveis do mês anterior, ou seja, entre US\$ 8,25 e US\$ 9,75/bushel (média de US\$ 9,00/bushel), contra a média de US\$ 10,05 em 2014/15 (provisória) e US\$ 13,00 em 2013/14. Afora isso, o relatório não trouxe nenhuma outra grande novidade em relação a maio.

Nesse contexto, o clima será o elemento principal para reverter a pressão baixista nos EUA, pelo menos até setembro, quando se inicia a colheita. No geral, o quadro é positivo, havendo mesmo excesso de chuvas no momento. Portanto, os elementos altistas não têm força suficiente para manter as altas por longo tempo.

Um fator adicional que deu sustentação às cotações na semana foi o enfraquecimento do dólar no mercado mundial. Esse fato permitiu maior competitividade à soja estadunidense no mercado externo, além de a demanda interna se manter firme.

Nesse sentido, as inspeções de exportação por parte dos EUA, na semana encerrada em 04/06, somaram 216.590 toneladas, contra 73.998 toneladas na semana anterior. No acumulado do ano comercial iniciado em 1º de setembro o volume alcança 47,2 milhões de toneladas, contra 42,2 milhões no ano anterior.

Em contrapartida, na Argentina, onde a colheita já ultrapassa os 95% da área semeada, nova correção para cima no volume final a ser obtido esfriou parcialmente o mercado. Segundo a Bolsa de Buenos Aires, o volume estimado agora é de 60,8 milhões de toneladas no vizinho país.

Ainda na Argentina, as exportações de farelo de soja atingiram a 1,3 milhão de toneladas em março, somando no primeiro trimestre do corrente ano um total de 4,5 milhões de toneladas, contra 3,7 milhões em igual período de 2014.

Aqui no Brasil, com o recuo parcial do dólar, o câmbio voltou a trabalhar no patamar de R\$ 3,09 no final da semana, puxando os preços locais um pouco para baixo. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 59,66/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 64,00 e R\$ 64,50/saco. Nas demais praças, os lotes oscilaram entre R\$ 52,50/saco no Nortão do Mato Grosso, até R\$ 62,00/saco no norte e centro do Paraná. Na BM&F, o contrato julho/15 ficou em US\$ 21,98/saco no dia 10/06.

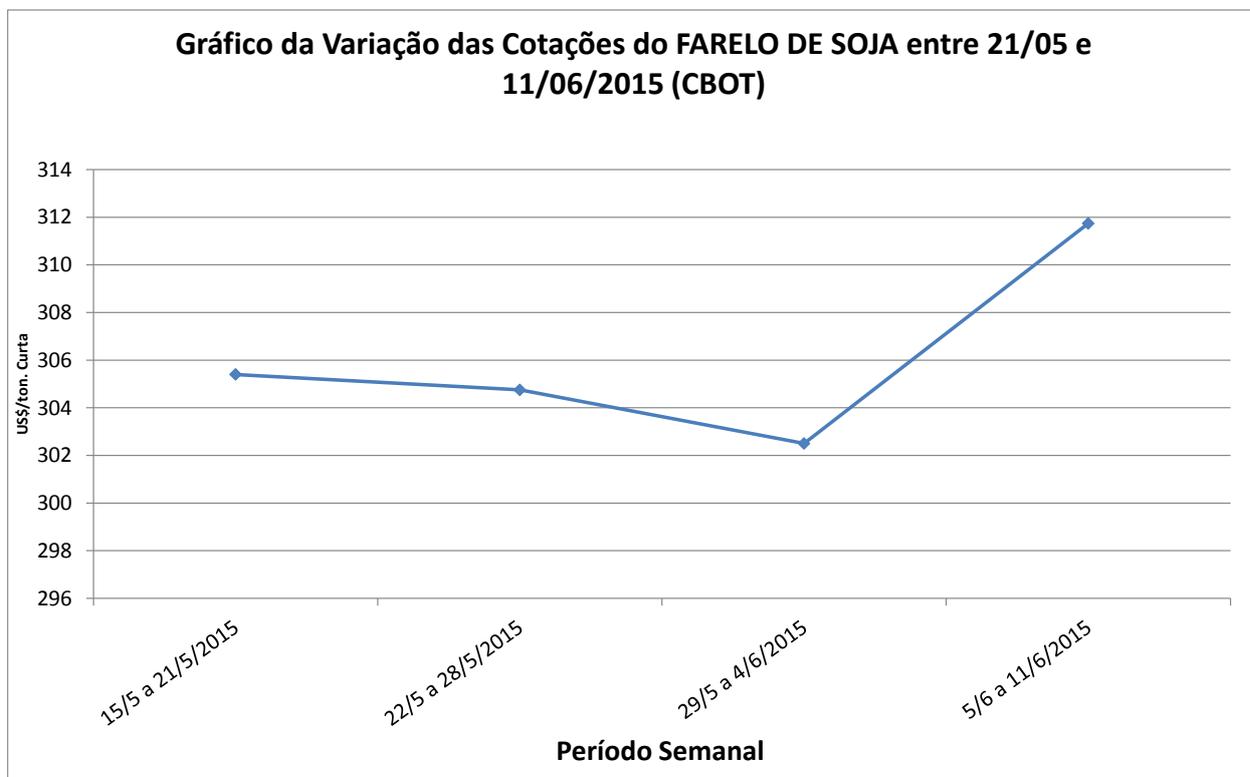
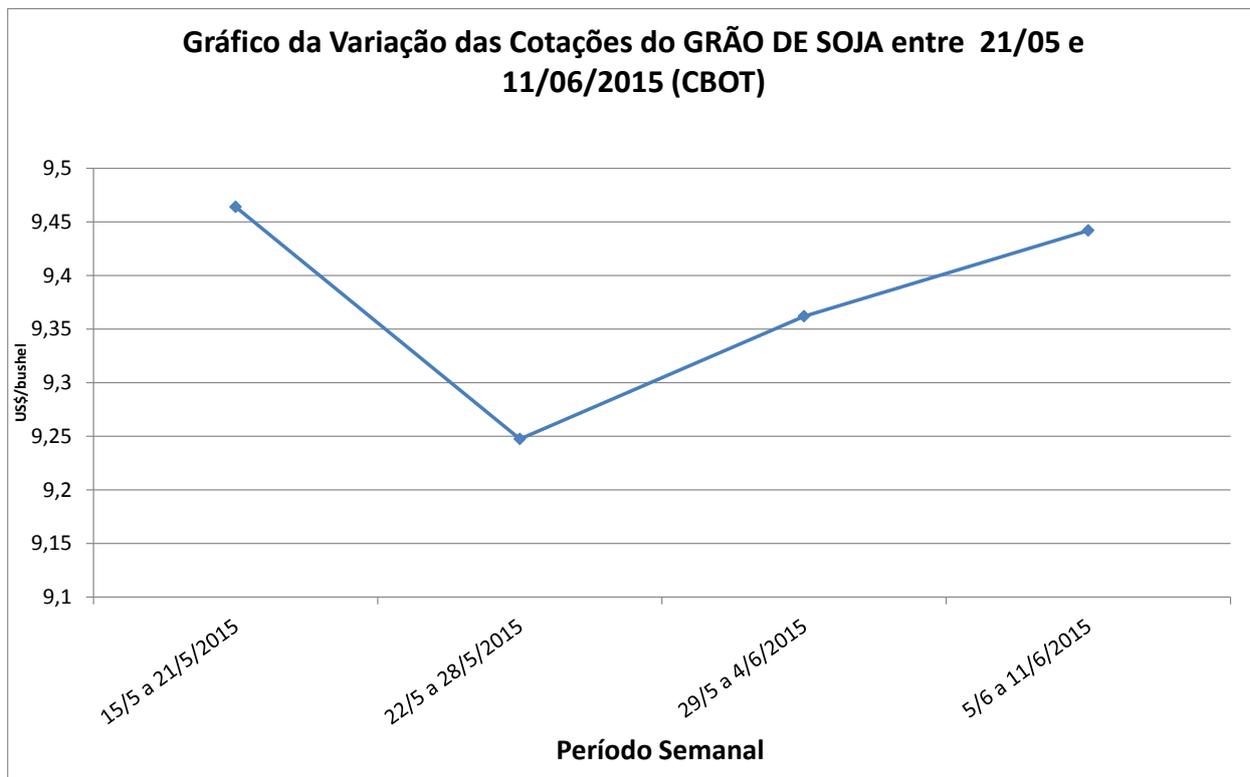
Quanto aos preços futuros, o FOB interior gaúcho, para maio, ficou em R\$ 68,00/saco nos lotes. No Paraná, o porto de Paranaguá, para março, ficou em R\$ 71,00/saco. No Mato Grosso, valores ao redor de R\$ 56,50/saco FOB para fevereiro/março próximos, em Rondonópolis. No Mato Grosso Sul a região de Dourados indicou preço de R\$ 58,00/saco para o mesmo período. Já Rio Verde (GO) trabalhou com valores de US\$ 18,00/saco (R\$ 55,62/saco ao câmbio de hoje) para fevereiro. A região de Brasília ficou em R\$ 60,00/saco para abril. Enfim, a Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins, para maio/16, registraram respectivamente R\$ 62,00; R\$ 60,50; R\$ 61,50; e R\$ 59,00/saco. (cf. Safras & Mercado)

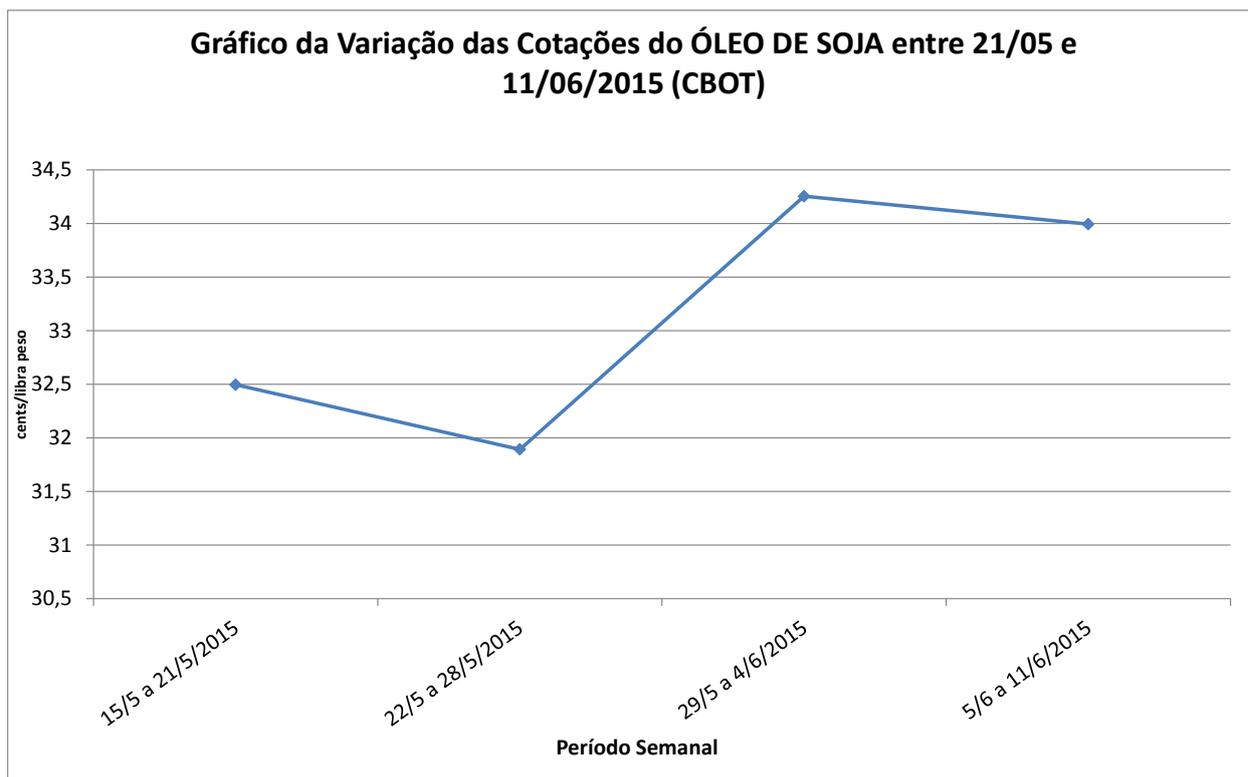
Enfim, o Mato Grosso espera aumentar novamente a produção de soja em 2015/16, projetando a mesma em 28,4 milhões de toneladas segundo o IMEA. Já o preço médio junto ao produtor mato-grossense, para março de 2016, esteve em R\$ 51,51/saco em maio, fato que levou a comercialização antecipada a alcançar, no início de junho, 7,3% do total esperado para o Estado.

Já em relação à safra passada (2014/15) a comercialização da mesma chegava a 68% do total no conjunto do Brasil, segundo Safras & Mercado, estando abaixo da média histórica para o início de junho, que é de 78%. Em Goiás e Mato Grosso as vendas chegam a 80% da safra, enquanto no Paraná e Rio Grande do Sul o percentual respectivo é de 57% e 50% do total. Em todos os Estados citados o volume vendido está abaixo da média histórica. Isso reflete o comportamento dos produtores rurais que, na expectativa de novas desvalorizações do Real, retardam as vendas esperando preços melhores. Afinal, na média, os preços atuais estão nominalmente entre três a oito reais menores do que os praticados na safra do ano anterior.

O quadro geral indica estabilidade nos preços brasileiros na medida em que Chicago deve se manter nos atuais níveis (talvez um pouco mais baixos se a safra estadunidense for normal), enquanto não se espera novas desvalorizações do Real no imediato, especialmente porque o constante aumento na Selic (juro básico) atrai dólares ao país. Além disso, a balança comercial, em junho, voltou a registrar superávits semanais mais robustos, o que implica em mais entradas de dólares na economia nacional. Todavia, a grande incógnita continua sendo a concretização dos ajustes fiscais necessários e anunciados pelo governo. Um recuo nos mesmos tende a retirar dólares do Brasil, forçando uma desvalorização que já está pesando sobre a inflação anual acumulada nestes últimos meses.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 21/05 a 11/06/2015.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago ficaram, mais uma vez, bastante estáveis nesta semana. O fechamento da quinta-feira (11) registrou US\$ 3,56/bushel para o primeiro mês cotado.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/06, poucas novidades trouxe, embora se deva registrar o aumento nos estoques dos EUA. Assim, a projeção de colheita para 2015/16 foi mantida em 346,2 milhões de toneladas naquele país, enquanto os estoques finais subiram um pouco, ficando em 44,98 milhões de toneladas, contra 44,35 milhões em maio. Nesse contexto, os preços médios projetados aos produtores estadunidenses do cereal, para o dito ano comercial, permaneceram entre US\$ 3,20 e US\$ 3,80/bushel, contra a média de US\$ 3,65 em 2014/15 e US\$ 4,46/bushel em 2013/14.

Em termos mundiais, o relatório indicou uma produção global de 989,3 milhões de toneladas, praticamente sem modificações em relação a maio. Todavia, os estoques finais mundiais subiram quase quatro milhões de toneladas, ficando em 195,2 milhões de toneladas no momento. A produção brasileira está mantida em 75 milhões de toneladas, assim como a da Argentina em 25 milhões de toneladas. O Brasil deverá exportar 22 milhões de toneladas.

Afora o relatório, o mercado conviveu com certa apreensão em relação ao clima no Canadá, parte da Europa e Austrália, em relação às lavouras de trigo. Quebras nessa produção, com conseqüente aumento de preços, tende a elevar igualmente o preço do milho.

Em contrapartida, as exportações semanais dos EUA não foram boas, ficando em 740.500 toneladas na semana anterior. Ao mesmo tempo, o plantio está encerrado naquele país e as lavouras apresentam um quadro positivo, com 74% entre boas a excelentes.

Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB terminou a semana em US\$ 168,00 e US\$ 112,50 respectivamente.

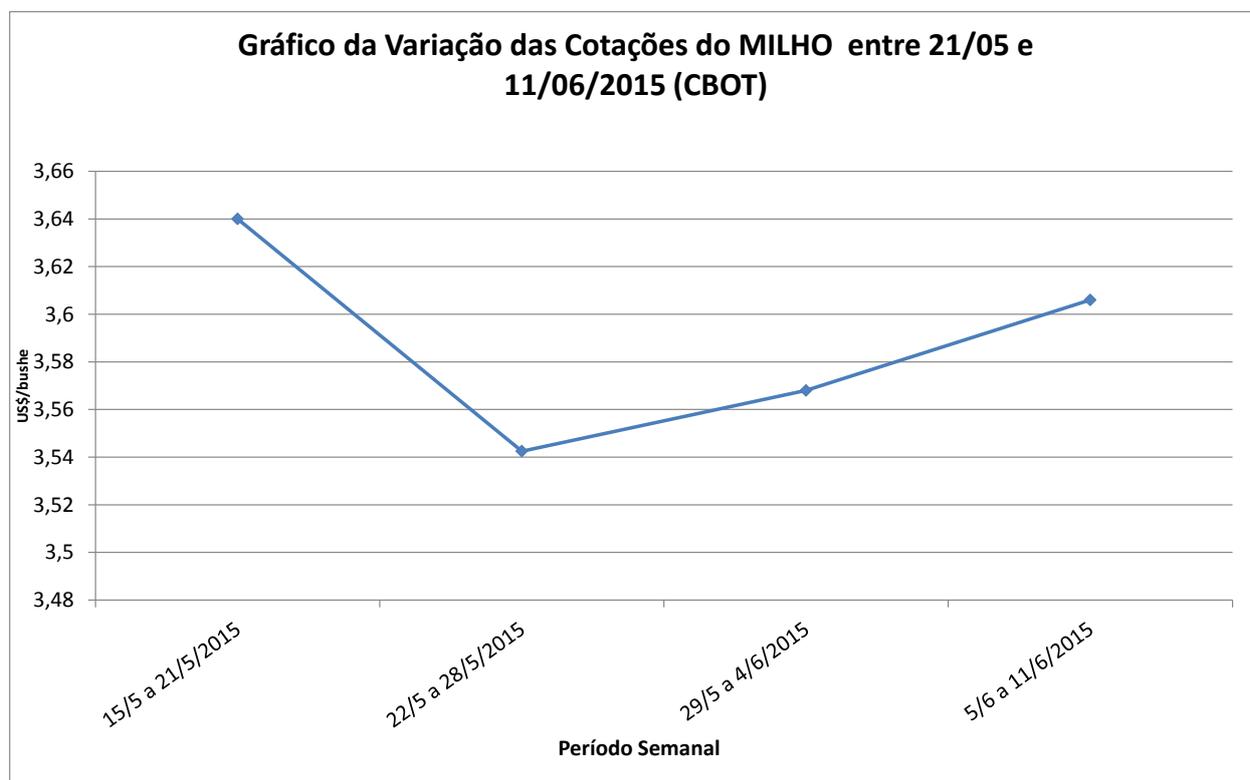
No Brasil, os preços se mantiveram estáveis, com viés de baixa. A média gaúcha no balcão registrou R\$ 22,60/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 24,50 e R\$ 25,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram valores entre R\$ 12,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 26,00/saco nas regiões catarinenses de Concórdia, Videira, Chapecó e Campos Novos.

Na BM&F o mercado encontra dificuldades para elevar os preços porque o mercado físico está muito ofertado, especialmente agora, com a entrada da safrinha recorde. Todavia, o mesmo não rompe o parâmetro de R\$ 25,00/saco em função dos preços praticados no porto de Santos, mais elevados graças aos altos prêmios pagos e ao câmbio. Além disso, a falta de estrutura portuária penaliza o milho em favor da soja, por enquanto. Nesse sentido, os compradores paulistas estão buscando milho de outros estados a preços menores. Para novembro e dezembro o câmbio e o ritmo de embarques no segundo semestre é que definirão os preços. (Cf. Safras & Mercado) Em termos da safrinha, cuja colheita se acelera aos poucos, Goiás indica valores ao redor de R\$ 17,50/saco FOB, para entrega em julho.

No geral, o mercado do milho no Brasil não encontra motivos altistas suficientes para reverter o atual quadro de preços. Os compradores do cereal estão pouco presentes no mercado, esperando a entrada definitiva da safrinha.

Enfim, a importação no CIF indústrias brasileiras registrou R\$ 41,68/saco para junho para o produto dos EUA e R\$ 40,05 para o produto argentino. Para julho o produto argentino ficou em R\$ 42,09/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 27,91/saco para junho; R\$ 27,99 para julho; R\$ 27,98 para agosto; R\$ 28,05 para setembro; R\$ 28,46 para outubro; R\$ 28,49 para novembro e dezembro; e R\$ 29,38/saco para janeiro/16.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 21/05 a 11/06/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram bastante durante a semana, atingindo um dos mais altos valores dos últimos meses no dia 09/06, véspera do relatório de oferta e demanda do USDA, com US\$ 5,32/bushel. Após o relatório, os preços recuaram com o fechamento desta quinta-feira (11) se estabelecendo em US\$ 5,04/bushel.

O relatório do USDA surpreendeu ao aumentar a produção e os estoques finais dos EUA, mesmo diante dos problemas climáticos que determinadas regiões produtoras do país vêm enfrentando. Assim, a produção final estadunidense, para 2015/16, ficou em 57,7 milhões de toneladas, ou seja, quase um milhão acima do projetado em maio. Já os estoques finais subiram para 22,2 milhões de toneladas, após 21,6 milhões em maio. Nessas condições, o patamar médio de preços aos produtores estadunidenses, nesse novo ano comercial, baixou para valores entre US\$ 4,40 e US\$ 5,40/bushel, contra a média de US\$ 6,00 em 2014/15 e de US\$ 6,87/bushel em 2013/14.

Em termos mundiais, o relatório apontou um aumento da safra global para 721,6 milhões de toneladas, ou seja, cerca de três milhões acima do indicado em maio. Todavia, os estoques finais mundiais recuam para 202,4 milhões de toneladas, ou seja, cerca de um milhão de toneladas a menos do que o indicado em maio. A produção da Argentina foi reduzida para 11,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira ficaria em 6,5 milhões, o que nos parece superestimada diante da forte projeção de redução de área no Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, o clima continua pesando sobre as cotações, pois existe a possibilidade de perda de qualidade nas lavouras estadunidenses.

Na Argentina, a área semeada com trigo nesta safra de 2015 deverá atingir 4,1 milhões de hectares, com o plantio chegando a 10% no início de junho. Em clima normal, com essa área, a produção argentina poderá alcançar entre 11,5 e 12,5 milhões de toneladas.

Nos portos de embarque da Argentina, a tonelada FOB se manteve entre US\$ 195,00 e US\$ 235,00, enquanto no Uruguai e no Paraguai os valores ficaram entre US\$ 190 e US\$ 205,00 no primeiro caso e entre US\$ 190,00 e US\$ 200,00/tonelada no segundo caso.

Aqui no Brasil, os preços estacionaram, com o balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 29,68/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 580,00/tonelada ou R\$ 34,80/saco para o produto de qualidade superior. No Paraná, os lotes se mantiveram entre R\$ 650,00 e R\$ 700,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 39,00 e R\$ 42,00/saco.

A tendência no mercado brasileiro do trigo, em o câmbio se mantendo acima de R\$ 3,00/dólar, é a competitividade de o trigo nacional aumentar no exterior, propiciando preços um pouco melhores. Todavia, quando o real se valoriza, o trigo importado se torna mais competitivo. É o que tem ocorrido com o produto procedente do Paraguai e que entra pelo oeste do Paraná. Todavia, por enquanto, os volumes procedentes do país vizinho são baixos. Em relação ao CIF São Paulo, o cereal paraguaio está ao redor de 1% abaixo do praticado no mercado interno neste momento. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, existe uma baixa demanda interna pelo produto nacional, pois os moinhos continuam abastecidos, esperando a nova safra para retornarem às compras. Esta nova safra entra no mercado a contar de setembro, via o Paraná. Já o Rio Grande do Sul coloca o seu produto no mercado a partir de novembro.

Enfim, no Paraná o plantio, nesta segunda semana de junho chegava a 77% da área esperada, que é de 1,32 milhão de hectares (5% menos do que o ano anterior). 97% das lavouras se encontram em boas condições. O Estado paranaense espera colher, em clima normal, cerca de 4 milhões de toneladas. No Rio Grande do Sul o plantio avança mais lentamente e se mantém a tendência de uma queda ao redor de 20% na área semeada.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 21/05 a 11/06/2015.

